

A região e a casa Gandaresa

POR

JORGE DIAS, FERNANDO GALHANO
e ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA

(Do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular)

I — A região Gandaresa

Gândara é um topónimo que se aplica a muitos lugares do noroeste peninsular; neste estudo, porém, referimo-nos em especial à zona do nosso País compreendida entre as bacias do Vouga e do Mondego, que se distingue, no conjunto provincial da Beira-Litoral, por um certo número de características muito peculiares.

Este topónimo constitui sem dúvida mais um exemplo da passagem de um apelativo a nome geográfico, que é frequente entre nós e em outros países ⁽¹⁾: *gândara*, ou *gandra*, é uma expressão que designa de um modo geral qualquer terreno arenoso pouco produtivo, ou mesmo quase estéril ⁽²⁾; ela parece ascender a uma base *ganda*, de substracto alpino-pirenaico, a qual está implícita na palavra *gandadia*, que PLÍNIO diz ser usada pelos mineiros das Astúrias ⁽³⁾; para o nosso estudo, contudo, a origem da palavra tem um interesse secundário ⁽⁴⁾.

A sub-região gandaresa, que aqui temos em vista, corresponde na realidade ao sentido da palavra *gândara*: é uma faixa de terreno arenoso, relativamente plano e pouco fértil, orientada no sentido norte-sul e cortada por alguns vales pouco profundos, entre os quais sobressaem os da Ribeira de Mira e o do Rio Boco.

Esta faixa é formada por areias pliocénicas e por areias recentes do litoral, que recobrem a superfície ocupada outrora por um prolongamento do anticlinal, cujo enrugamento ao norte da foz do Mondego forma a Serra de Buarcos ⁽⁵⁾. A faixa pliocénica fica compreendida entre uma tira de areias recentes, com a largura média aproximada de 5 km, que se estende desde o cabo Mondego até à ria de Aveiro, e uma zona interior mais movimentada e elevada, em que predomina

o jurássico, embora entremeado com manchas de pliocénico ⁽⁶⁾. Os limites desta faixa pliocénica, que constitui pròpriamente a região gandraesa, e cuja largura média regula 10 km, nem sempre são fáceis de identificar; pela escassez de fósseis, as suas areias confundem-se facilmente com as areias das dunas costeiras, tanto mais que os ventos as arrastam, quando não estão fixadas pela vegetação. Mas de um modo geral as areias pliocénicas mostram aptidões agrícolas superiores às das areias costeiras recentes, onde predomina o pinhal ⁽⁷⁾.

Embora se trate de uma região bastante homogênea, vêem-se alguns afloramentos do jurássico inferior e do cretáceo, de margas e arenitos que facilmente se confundem com o conjunto das areias pliocénicas ⁽⁸⁾. Os cursos de água serpeiteiam longamente através do terreno, por causa dos obstáculos que lhes oferecem as dunas do litoral, e põem a descoberto grés e argilas mais produtivas do que os terrenos pliocénicos, e também margas que constituem excelente adubo ou correctivo para as areias (embora sejam, em si mesmas, improdutivas). Às vezes, as águas descobrem também calcáreos liássicos e turonianos, de que os habitantes fazem cal ⁽⁹⁾.

A despeito da designação unitária de Gândara, abrangendo toda a sub-região compreendida entre os Campos do Mondego, ao sul, a Bairrada, a Leste, a ria de Aveiro, ao norte, e o mar, a oeste, o contraste entre as areias do litoral e as areias do pliocénio determina uma diversidade flagrante de tipos de vida e de aspectos culturais, particularmente sensível no que se refere à habitação. Assim, enquanto que os habitantes do litoral, de economia preponderantemente piscatória, constroem casas de madeira sobre estacaria — os conhecidos *palheiros* —, a gente do interior, predominantemente agricultora, constrói casas de *adobe*, que obedecem a conceitos totalmente diferentes. Quando falamos de «casa gandraesa», temos em vista não os *palheiros*, mas unicamente um certo tipo de habitação rural do interior, que, apresentando-se como um produto característico de adaptação às condições ambientais, seja directamente, pela utilização dos materiais específicos locais, que estão na base da composição do adobe, seja indirectamente, como forma ajustada às necessidades económico-sociais da região, a exprime verdadeiramente.

As condições naturais da região gandraesa não são das mais propícias à ocupação humana; só à custa de enorme tenacidade é possível extrair da magra terra uma produção remuneradora, e esta só o é porque a modéstia daqueles que a trabalham assim a considera. Ainda hoje, os concelhos compreendidos na sub-região gandraesa apresentam

uma densidade populacional inferior à de todos os concelhos circunvizinhos. É certo que ela está longe de ser tão baixa como a de outros concelhos do País; mas se pensarmos que os principais produtos da agricultura gandaresa são o milho, o feijão e a batata, e que a criação de gado bovino está relacionada com os sub-produtos deste tipo de agricultura, poderemos imaginar a imensa solidão que ali deve ter reinado antes da descoberta da América, quando o milho e a batata eram desconhecidos entre nós e por conseguinte esta região era um vasto deserto improdutivo e sem recursos. Uma lenda curiosa, relacionada com a origem da povoação da Tocha, é certamente prova da baixa densidade demográfica da região no passado; segundo ela, um fidalgo galego, vendo-se um dia em situação angustiosa, prometeu a Nossa Senhora elevar-lhe um templo no lugar mais ermo que encontrasse; levado nas suas andanças até à região gandaresa, não teve o fidalgo dúvida de que nenhum ponto podia ser mais próprio do que aquele para o cumprimento da sua promessa, e por isso edificou uma ermida no local onde actualmente se ergue a igreja da Tocha ⁽¹⁰⁾.

Aliás — e embora haja núcleos de população já antigos na região, como Mira, por exemplo ⁽¹¹⁾ —, a distribuição do povoamento da Gândara, em dispersão aglomerada e orientada ao longo de caminhos, parece indicar que ela é um facto recente, e que se desenvolveu rapidamente. Grande parte das povoações são inteiramente constituídas por casas alinhadas à face de estradas ou largos caminhos; e alguns centros maiores, como Mira e Tocha, têm a forma de estrelas, com um largo central que é fundamentalmente um ponto de convergência de vias de comunicação, donde irradia o povoamento, que segue as estradas que dele partem. Isto leva a crer que os caminhos são anteriores a essas povoações, e que foram eles quem determinou o seu aparcimento — e não o contrário, tal como sucede normalmente nos casos de povoamentos antigos; as povoações não representam o desenvolvimento de núcleos de velha data, donde nascessem estradas para as ligar umas às outras: elas foram-se certamente constituindo a partir de qualquer instalação de pioneiros que assentaram arraiais junto de caminhos já existentes ou no ponto de partida de outros que rasgaram depois em vista da colonização das areias, para aí tentarem a vida, depois que o conhecimento do milho e da batata a tornaram possível, e quando a pressão demográfica nos concelhos vizinhos empurrou para essas vastas regiões os excedentes humanos a quem faltavam espaço na sua terra natal ⁽¹²⁾.

De resto, a maneira como a casa desta região se apresenta — casa de pátio, de carácter acentuadamente rural e feita de um material pobre,

mas que vira para a rua uma frontaria airosa e esmerada, de feição urbana nitidamente intencional, em que se sente a preocupação da aparência e da vizinhança e a subordinação ao interesse pela via pública, enquanto que as demais fachadas mostram o adobe à vista, sem reboco nem qualquer cuidado — parece também indicar que aqui a casa foi subordinada originariamente à estrada, isto é, que o povoamento resulta de vias de comunicação pré-existentes, rasgadas antes de existirem povoações, para a colonização de areias desertas. E a própria uniformidade do tipo de casa em cada região parece também apontar uma difusão muito rápida, por assim dizer uma criação instantânea ou pelo menos a partir de um modelo único. E admitindo-se que esse povoamento resulte fundamentalmente da instalação nas areias gandraesas dos excedentes populacionais dos concelhos vizinhos, explicar-se-ia o facto de encontrarmos na casa gandraesa inúmeras formas, estruturas e elementos das casas das regiões limítrofes, do Sul do Vouga, de Cantanhede, e do sul do Mondego.

A pobreza desta zona de areias, a que em Mira dão o nome de areolas, acentuada mais em certas áreas, como a da Tocha ⁽¹³⁾, permite apenas uma agricultura precária. A propriedade é pequena e muito dividida; todos têm praticamente casa sua, e mais ou menos terra; cada qual faz a sua parte, e aluga a outro, que tenha de sobra, o mais que lhe for necessário para se aguentar, pagando em milho a renda combinada. As propriedades nunca formam conjuntos unidos, e os campos dispersam-se, separados por valas que também servem de drenos, ou muros de adobos, em locais mais próximos de habitações ⁽¹⁴⁾.

Excluindo a orla interior, onde aparece «vinho e fruta», toda a região gandraesa assenta a sua economia no milho, feijão e batata ⁽¹⁵⁾, e nos produtos da sua pecuária, a que se acrescentam ainda pequenas *terras de arroz*. A rega, pelo sistema de *engenhos*, uma mais farta estrumação, e a adubação química, aumentaram muito a produção. Nestas areias magras, onde para se conseguir qualquer proveito é necessária uma estrumação abundante, o próprio mato é escasso ou nulo, e a massa vegetal do estrume é constituída pela *fagulha* de pinheiro, de inferior qualidade ⁽¹⁶⁾. Mas mesmo esta é insuficiente, e as pessoas têm de comprar estrumes fora da região. Na parte sul da Gândara recorre-se aos fortes estrumes curtidos dos Campos do Mondego (palhas de milho e arroz, de gado vacum e cavalari), que são trazidos em camionetes ou carros de bois, com três a quatro horas de marcha, e misturados aos da casa; e também ao *limo* da ria de Aveiro, que vem em

camionetas, mas que em tempos se ia buscar à Quintã em carros de bois. Mais para o norte, em áreas mais próximas de Aveiro, é este limo o grande recurso; parte é comprado, mas muito é apanhado pelo próprio agricultor, que para isso possui barco na Barra ou na Quintã (17). A barrinha de Mira e as lagoas fornecem também a sua parte deste adubo.

O junco, aproveitado especialmente para cama dos suínos, contribui também para engrossar o volume dos estrumes. Além do que se cria nas terras encharcadas da região, vem muito em barcos dos lados da Murtosa, que fica a cerca de 50 km de distância, e é carregado em carros de bois perto de Vagos.

Mato, fagulha e junco, são empilhados no pátio da casa, indo daí, aos poucos, para os currais. A fagulha também por vezes se estende nos pátios, ou mesmo no terreno que geralmente a ele fica contíguo, para a rectaguarda.

Nesta região de pequenos lavradores, poucos são aqueles que possuem mais de duas vacas e duas crias. Os mais pequenos limitam-se a um único animal, pelo que é frequente verem-se carros de bois de varais.

O gado é muitas vezes *de meias*, tendo o meeiro metade do lucro da vaca e da cria. Um terço do leite é para o proprietário; este, está no *role*, ou *sociedade*, que é uma «mútua» de gado.

Na zona interior, onde já há vinho, e onde parece haver lavouras maiores, predomina o gado marinho, de trabalho. Mais para oeste, na zona essencialmente gandaresa, predomina o gado leiteiro turino, que empregam também em trabalhos mais ligeiros. O leite é vendido em postos de recepção das empresas de lacticínios (18).

O gado marinho, que vem do sul do Mondego, é negociado nas feiras de Cadima (a 13 do mês) e Arazêde (a 24). Para o turino, a melhor feira é a de Porto-Mar, a 11 e 30 do mês.

A forragem que ocupa toda a terra durante o inverno é uma mistura de cevada e aveia, que crescem depressa, e trevo e serradela, que vêm mais tarde, com os *arrentaços* das primeiras. Também misturam com muita frequência algum tremoço bravo, que em parte é segado para o gado, ou poupado para enterrar como estrume. A sementeira destas forraginosas é feita a lanço; a semente cobre-se passando sobre ela o velho arado de madeira a que se aplica um pau atravessado que alisa a terra, *desfazendo o combro*, ou então à enxada. Para complemento deste penso, compram palha de arroz fora da região.

Para o milho, o estrume é levado para os campos com muita ante-

cedência, e empilhado; sobre estas pilhas, baixas e largas, lançam terra, e semeiam couves em Fevereiro. Todas estas pilhas são minúsculas hortas viçosas. Pouco antes das sementeiras, cortam esse estrume, misturando-o com tremoço verde ou limo. Para a sementeira, lavram com charrua, fazendo em seguida regos largos com o arado munido de um feixe de varas de vide preso entre a teiró e a rabiça. As mulheres fazem então a *estercada*, levando em cestos o estrume das pilhas, e distribuindo-o à mão pelo rego fora; em seguida espalham o adubo químico; e depois, com o milho no avental, deixam cair quatro ou cinco grãos sobre o rego, no lugar em que, com o pé, haviam coberto o estrume com terra; e em seguida, *alagam*, igualmente com o pé, o combro do rego sobre a semente.

A batata é plantada em covas. As mulheres põem no fundo uma camada de limo ou tremoço, cobrindo-a com outra de estrume, trazido na própria ocasião do curral, e sobre elas espalham o adubo químico, composto de super e sulfato de amónio. Deitam depois um pouco de terra, dispõem três ou quatro pedaços de batata, e o homem então cobre-os com a enxada, alisando a terra. Chegam a tirar trinta sementes.

Para o arroz, depois de espalharem cal em pó sobre a terra encharcada, faz-se a *cava das lamas*, que é um trabalho em grupo, feito geralmente por ajuda mútua vicinal. Metem depois a água nos canteiros, nivelam — ao que dão o nome de: *fazer a rebaixa* — e em seguida semeiam, a lança ⁽¹⁹⁾.

Para aumentar os recursos da casa, os proprietários pequenos dão dias fora. O que porém contribui em larga escala para o equilíbrio das contas caseiras nesta região sem indústria é o dinheiro que evm do Alentejo. Um grande número de homens forma, com efeito, um largo contingente de emigrantes periódicos — os *caramelos* —, que ali trabalham de Janeiro a Junho, todos os anos.

O material de construção específico da casa desta área é o *adobo* ou *adôbe* feito com areia ligada com cal extraída das manchas de calcários liássicos ou turonianos abundantes na região ⁽²⁰⁾, ou feitos de barro.

Não é fácil precisar-se a origem do adobo. Nas regiões áridas do norte de África e da Ásia, é frequente construir-se com terra. Umas vezes, o barro é amassado com água, e socado entre tâboas colocadas no próprio lugar das paredes; é, entre nós, o caso mais corrente no Alentejo e Algarve, havendo ainda muitos vestígios deste sistema de

construção na Estremadura. Entre nós, ele leva o nome de *taipa*. Outras vezes — como é o caso na Gândara —, o barro, misturado ou não com cal, conforme a composição do material empregado, é amassado, metido em formas, e, depois de seco ao sol, utilizado na construção. Este sistema parece ter também já sido usado pelos índios Pueblos, do Novo México, antes da chegada dos europeus ⁽²¹⁾, devendo portanto admitir-se como provável, a seu respeito, a invenção independente da mesma técnica nos povos da América e naqueles em que se filia o nosso conhecimento do adobo, num caso típico de paralelismo cultural — para não falarmos numa criação única, anterior ao povoamento daquele continente, a partir da qual se teria dado a sua difusão lá e aqui, o que retrotrairia as suas origens a uma data antiquíssima, mas que nos parece uma hipótese difícil de aceitar. Em todo o caso, o facto do nome *adobe* ser de origem árabe — *attob* —, leva a crer que foram os muçulmanos os introdutores desta técnica entre nós.

Antigamente, faziam-se adobos de barro arenoso, a que por vezes juntavam palha, que depois de enformados e secos ao sol, constituíam um material razoável. Em paredes velhas, é ainda fácil observar tais adobes, negros ou avermelhados, mais ou menos corroídos pelo tempo. Hoje, os adobes de cal e areia são feitos pelos próprios para seu uso, o que é ainda muito corrente, ou são comprados nas «olarias». É nos arredores de Mira onde se encontram mais e maiores olarias, que fornecem três tipos de «adobos de cal»: *adobo de casa*, com $0,45 \times 0,30 \times 0,15$ m, usado para as paredes exteriores das habitações; *adobo de muro*, com $0,45 \times 0,21 \times 0,15$ m, para paredes interiores, de currais e mais dependências, e muros de vedação; e *adobo de três quartos*, que substitui o primeiro em construções mais económicas, e que tem uma largura intermédia entre os outros dois tipos, com cerca de 0,25 m. O adobo de mais confiança é o que se faz em casa, pois o que se compra tem geralmente uma percentagem de cal insuficiente.

Misturada e amassada a areia e a cal, lança-se a massa nas formas de madeira, pousadas num terreno plano, alisa-se a superfície, e levantam-se aquelas segurando-as pelas pegas. O adobo fica a secar e a ganhar consistência durante umas três semanas pelo menos ⁽²²⁾.

Embora o consumo do adobe ainda seja apreciável, principalmente para paredes de currais e muros de vedação, o tijolo está a ser agora o material mais usado na construção das habitações.

Nas zonas afastadas de locais em que existe pedra, como sucede em grande parte da região, o próprio alicerce é de adobe. A humidade

do solo, vai-o, porém, desfazendo, até à altura de 0,80 a 1 m; é para evitar os inconvenientes e perigos que podem resultar deste mal — a *tinha* do adobo — que as Câmaras Municipais começam a exigir alicerces de pedra.

Nas áreas em que a pedra está próxima, como a da Tocha e Ara-zede, e certamente com receio da «tinha», constroem-se com esse material os alicerces e um metro de parede, e utiliza-se o adobo apenas daí para cima; e este sistema parece ser tradicional.

Em lugares onde existe calcáreo, é com pequenos blocos dessa pedra, ligados com barro, que se constroem as paredes da habitação. Mas mesmo aí é quase geral o emprego do adobo nos currais e outras dependências menores.

É logo ao erguer as paredes da casa que se colocam entre os adobos os *chaços* de pinho onde pregam depois a *caixa* das portas e janelas, ou as suas dobradiças. Presentemente, preferem encher o espaço que era reservado ao chaço com argamassa de cimento, em que fica logo cravada a ferragem respectiva.

Nas casas mais antigas, que se apresentam quase sempre com uma feição muito tosca e humilde, as guarnições de todas as aberturas eram de tábuas de pinho. Essa forma mantém-se ainda em todos os rasgos das fachadas laterais e da rectaguarda; na fachada frontal, porém, a regra é serem de cantaria lavrada, e muitas vezes ornamentada.

Para aliviar a padieira (*padial*), que é sempre de madeira, é costume geral fazerem um *archete* de adobos postos de cutelo, ou collocarem dois adobos inclinados um para o outro, em *asa de cesta*.

Um *archete* largo cobre igualmente com frequência a abertura do telheiro para o pátio. Com mais frequência, e principalmente se essa abertura é grande, o espaço é vencido por uma trave que sustenta o telhado ou uma pequena altura de parede sob este, trave que é amparada por uma escora de cada lado.

Nas duas paredes compridas, o *frechal* pousa sobre a última fileira de adobo, ficando, porém, nas empenas, metido na espessura da parede. Na parede frontal, para dar a saliência da cornija, a última fiada de adobos fica puxada para o exterior. Nas cozinhas e dependências de construção menos cuidada, não há frechais: os barrotes ficam entalados entre os adobos.

Exteriormente, apenas são rebocadas a fachada frontal, as paredes das empenas, e o espaço coberto pelo alpendre. No interior, são rebocados os quartos e salas, e muitas vezes também a cozinha melhor. No geral, toda a habitação é forrada e soalhada, à excepção das

cozinhas, que são térreas e de telha vã. As portas interiores têm apenas taramêlos de madeira.

A cobertura é agora quase sempre de telha de Marselha. Apenas numa ou noutra dependência menor, currais ou galinheiros, se emprega ainda a velha *telha caleira* ⁽²³⁾. Ao lado das vertentes dos telhados do corpo principal, é muito vulgar haver um rebordo de calça, espécie de guardavento muito baixo, prendendo as telhas.

Em certos lugares (como por exemplo os arredores de Covões e da Palhaça), onde existe o corpo da rectaguarda com as cozinhas e uma vertente do telhado deste último corre para terreno dos vizinhos, uma caleira especial apanha os pingantes: ela é de telhas caleiras que formam um conduto inclinado, assentes na própria espessura da parede, que dele para cima é mais delgada.

NOTAS

(¹) O caso de Gândara é comparável ao da Heide no noroeste alemão, onde também, mesmo depois de se ter dado a transformação do revestimento vegetal, se mantém o velho apelativo já apenas com valor de topónimo. Ver HERMANN LAUTENSACH *Portugal auf Grund eigener Reisen und der Literatur* II Parte., 1937, pág. 68, nota 1.

(²) Ver JOSEPH PIEL, RPF., II, págs. 182-3.

(³) PLÍNIO, *História Natural*, XXXIII, 70-74, citado por Serafim da Silva Neto, *História da Língua Portuguesa*, Fac. 6 Rio de Janeiro, 1954, pág. 281.

(⁴) Para o problema linguístico especial, veja-se a indicação da bibliografia fundamental em SERAFIM DA SILVA NETO, *op. e loc. cit.*

(⁵) A Serra de Buarcos atinge a cota de 253 m. Ver HERMANN LAUTENSACH, *op. cit.*, pág. 68.

(⁶) Ver AMORIM GIRÃO, in *Guia de Portugal*, vol. 3, pág. 116.

(⁷) Ver PAUL CHAUFFAT, *Aperçu de la géologie du Portugal*, in: *Le Portugal au point de vue agricole*, Lisboa, 1900, cap. I, págs. 39-40; do mesmo, *Aperçu de la géologie du Portugal (Le Port. au point de vue agr.)*, págs. 1-48; do mesmo, *Étude stratigraphique et paléontologique des terrains jurassiques du Portugal, I Le Lias et le Dogger au Nord du Tage (Mém. Serv. Géol. Port., Lisboa, 1880)*. do mesmo, *Recueil de monographies stratigraphiques sur le systhème crétacique du Portugal (Mém. Serv. Géol. Port., 2 vol., Lisboa, 1880 e 1900)*. Ver também ARISTIDES DE AMORIM GIRÃO, *Bacia do Vouga*, Coimbra, 1922, págs. 13-14.

(⁸) Ver ARISTIDES DE AMORIM GIRÃO, in: *Guia de Portugal*, vol. 3, pág. 116.

(⁹) Ver PAUL CHAUFFAT, *Aperçu de la géologie du Portugal*, in: *Le Portugal au point de vue agricole*, Lisboa, 1900, pág. 40. Ver também HERMANN LAUTENSACH, *op. e loc. cit.*

(¹⁰) Ver AMORIM GIRÃO, *Guia de Portugal*, vol. 3, pág. 117.

(¹¹) No *Livro Santo* de Santa Cruz de Coimbra, fl. 57-57 v., existe um diploma de doação feito pelo Conde D. Raimundo em 1095 a habitantes de Montemor-o-Velho,

que nomeia particularmente um Zalema Godinho a quem dá e concede a vila de Mira, com todos os seus termos, e um moinho que está junto à fonte de Caraboi.

(¹²) Foi também o que aconteceu na Gafanha, que é de povoamento recente feito ao longo de caminhos preexistentes, para colonização das areias.

(¹³) Mesmo na orla marítima e coberta de pinhal, há vastas superfícies em que as árvores a custo crescem, talvez por excesso de água no subsolo.

(¹⁴) Nos pinhais, a separação é feita por *malhões*, coyas espaçadas de 10 cm, e também marcando com *balisas* os pinheiros nascidos nas extremas (tirando a casca do lado virado para o vizinho).

(¹⁵) Na própria expressão regional, o «vinho e fruta» bairradino contrapõe-se ao «milho, batata e feijão» gandarês; e o forte das feiras de Cantanhede, a 6 e a 20 de cada mês em milho, feijão e batata, vem da Gândara.

(¹⁶) Vão buscá-la longe, reunindo-a em *paveias* com a ancinho, e carregando estas no carro de bois munido de *fogueiros* (fueiros). Há muitos que a compram a quem a apanha. Agora, depois de protestos e pedidos, os Serviços Florestais vendem fagulha, que em certos sítios forma uma camada muito espessa. No pinhal de Mira, que foi da Câmara, há licença para se tirar a fagulha dois dias por semana.

(¹⁷) É o que acontece pela zona de Rines e Porto-Mar, por exemplo.

(¹⁸) A «Nestlé», com o fim de auxiliar o lavrador, e garantir para si o leite fornece agora ao lavrador a vaca, nas seguintes condições: a Nestlé paga a vaca; a primeira cria é para a Nestlé; a segunda, para o lavrador; o leite é a meias. Quando, por este sistema a vaca for paga, fica propriedade do lavrador. Outrora, massava-se o leite em casa, e há ainda quem possua os cântaros próprios dessa operação.

(¹⁹) Aos canteiros de arroz dão em Mira o nome de *alagamentos*; o termo local para as terras de cultura do arroz é mesmo *terra de arroz*; a expressão «marinhas» veio do Alentejo, talvez pelo veículo dos *caramelos* de regresso.

(²⁰) Ver PAUL CHAUFFAT, Aperçu de la géologie du Portugal. *op. cit.*, pág. 40.

(²¹) Quando visitamos o Novo México em 1951, fotografamos ruínas de antigas habitações em Kuaua, próximo da estrada que liga Albuquerque a Santa-Fé, onde existe hoje o monumento a Coronado. Estas ruínas são do tempo em que os espanhóis invadiram a região, e portanto anteriores a qualquer possível influência europeia.

(²²) No Rólho (Mealhada), região vizinha da Gândara, e onde também se usa e fabrica o adobo, o seu fabrico é um pouco diferente: «Para a feitura dos adobes, são preferidos os meses de verão. São calculadas as quantidades precisas: a proporção é — 10 camadas de areia barrenta, a preferida, para 1 metro de cal. Descarrega-se a cal, e distribuem-na sobre a areia, aproveitando a areia dos bordos para abafar, ficando assim 3 dias. Vem então o argamassar (mistura de cal e areia). Deixam de novo a massa durante 3 dias, depois do que é amassada muito bem, tendo o cuidado de desfazer qualquer grumo ou torrão de cal. Esta massa é então tendida na adobeira, e deixada a secar num lugar plano e previamente limpo. Assim ficam cerca de um mês, até serem colocados de face e limpos, desta maneira permanecendo no tempo quente. Finalmente são empilhados» (Informação de Ana E. Rocha da Silva Poiares, aluna do curso de Geografia Humana de 1955-56, da Faculdade de Letras de Coimbra). A informadora diz ainda que «a construção em adobes não se pode explicar pela carência de pedra, mas pela economia». E faz uma referência rápida a *galegas* e *areeiros* nos caneiros.

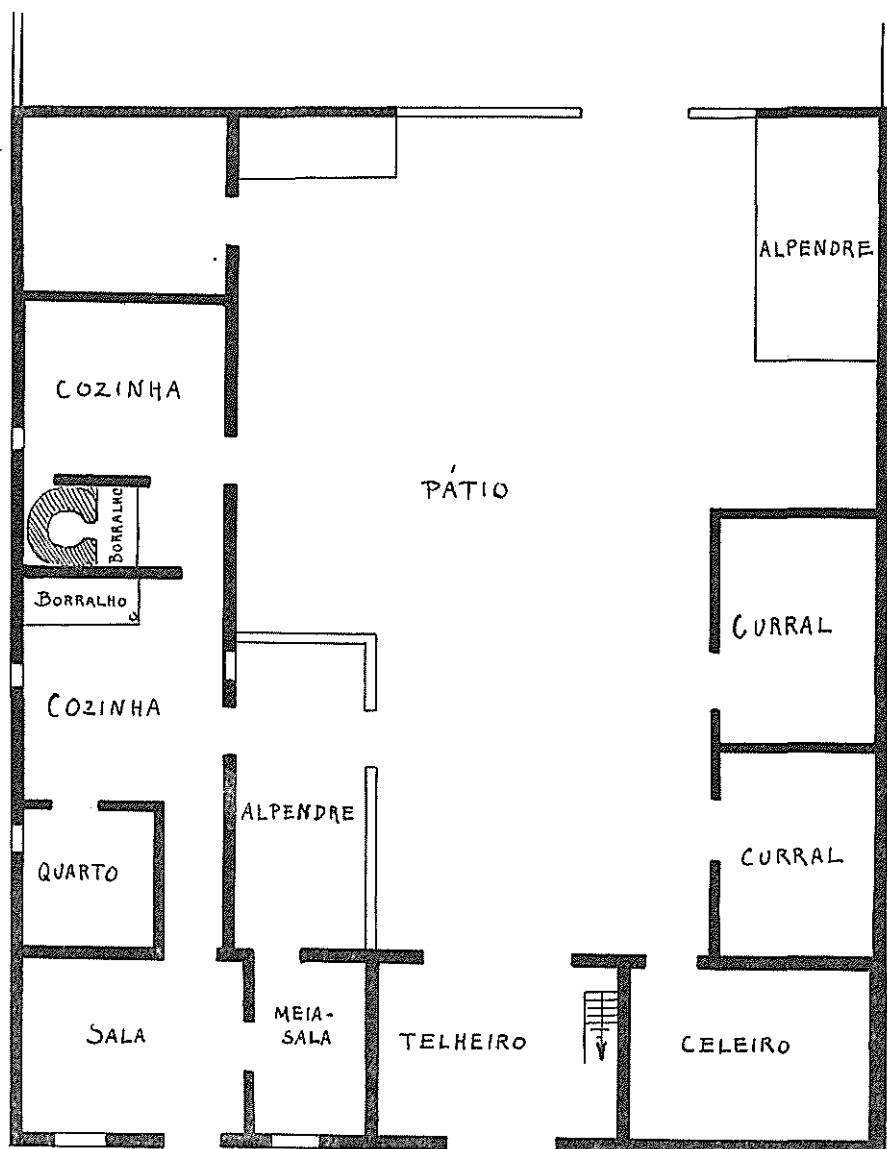
(²³) Por Mira, esta tenha vinha e ainda vem muitas vezes, de Barrim, na freguesia da Tocha. É de notar o topónimo, em relação com a produção desse material.

II — A casa Gandaresa

A casa gandaresa pode considerar-se uma categoria regional dentro do tipo geral das casas de pátio fechado, que sob outras formas se manifesta em muitas regiões do País e nos demais países europeus, visto que, de acordo com a sua definição (1), todos os edifícios que a constituem se dispõem de maneira a formarem um pátio interior, onde se acumulam os produtos com que se prepara a grande massa de estrumes necessários à agricultura das areias. Todos esses edifícios — casa de habitação, cozinha, lojas, celeiros, telheiros ou cobertos, currais e galinheiros, etc. — dão para esse pátio interior, que marca a unidade do conjunto, e confere à casa gandaresa um acentuado cunho de casa agrícola. Quando os diferentes elementos não são suficientes para fechar o pátio, a cerca completa-se com muros; e sucede também por vezes que as traseiras do pátio dão para uma hora igualmente murada, dispensando então que o pátio seja fechado desse lado.

Deve-se, porém, notar que, aqui, a casa, embora do tipo de pátio, derivado das condições particulares do povoamento da região e das exigências da sua agricultura específica, apresenta também, ao mesmo tempo, certas características de casa de fachada, com uma frontaria que se distingue pelo esmero do seu acabamento, relacionado com a atitude psicológica própria das condições em que ela surge. Nos aglomerados urbanos e de um modo geral nas casas situadas à face de caminhos públicos, esta última feição sobreleva decisivamente, e a fachada frontal prevalece sobre o pátio, que na maioria dos casos fica para as trazeiras e mal se adivinha. Pelo contrário, nas casas isoladas no meio das terras de cultura, o pátio evidencia-se com grande nitidez, sobresaindo visivelmente, e elas aparecem fechadas no quadrado dos muros e edifícios de paredes de adobe, sem qualquer fachada à vista do público e quase sem rasgos para o exterior além do portão de entrada; e é de notar que isto — que de resto acontece tanto na região gandaresa como nas áreas vizinhas — se vê sobretudo nas casas que parecem mais antigas ou concebidas de acordo com a mais antiga tradição. Aparecem também casos híbridos, em que coexistem e se fundem os dois movimentos: casas igualmente fora de caminhos, em que portanto é ainda sensível o pátio, mas que mostram também uma fachada para o exterior, muitas vezes mesmo com o típico motivo gandarês da janela-porta-janela, que adiante estudaremos, cuja localização, ali, não corresponde a nenhuma necessidade funcional.

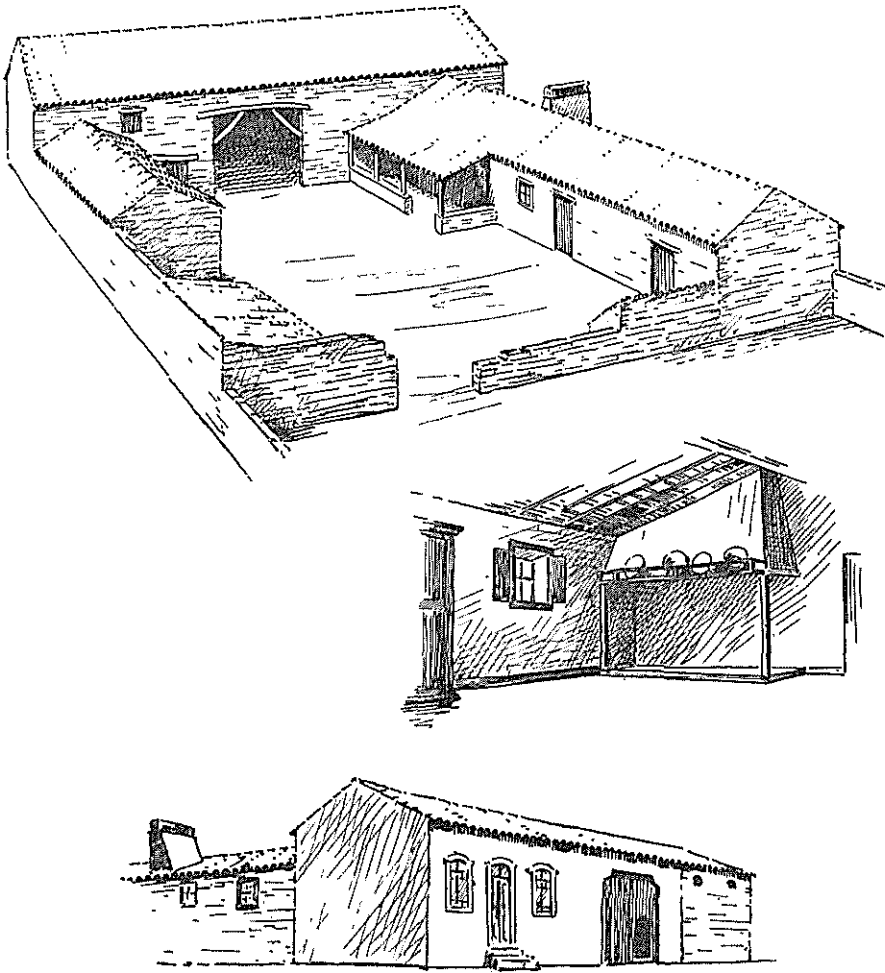
Nesta casa-pátio, como de resto na generalidade das casas do mesmo tipo que se conhecem por toda a parte (2), todas as constru-



Desenho 1 — Planta duma casa de Mira.

ções são térreas. Tanto pessoas como animais e arrecadações estão instalados em edifícios apenas de rés-do-chão; só o sobrado que serve

para secar o feijão ou guardar outros produtos agrícolas foge a esta regra, ficando ora sobre a casa de habitação, ora em edifício próprio, mas neste caso também elevado, e com aberturas para fora. E, além

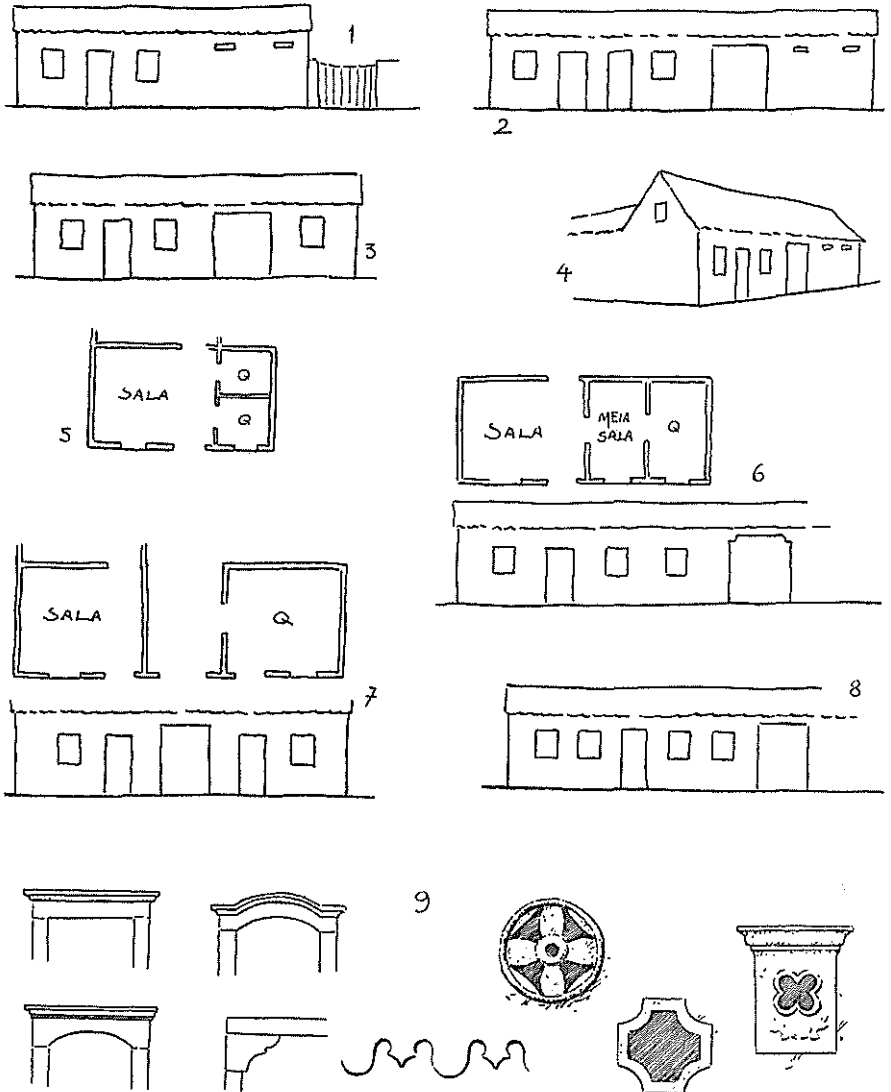


Desenho 2 – Casa de Mira.

desta característica, que é comum a todas as casas-pátio em geral, a casa gandaresa distingue-se pela existência de certas feições especiais, que nela se mostram regularmente, e a individualizam nitidamente dentro do conjunto provincial, e que a seguir descreveremos.

Contudo, não se pode falar num tipo definido e único de casa gandaresa, mas apenas numa certa estrutura e linhas gerais características,

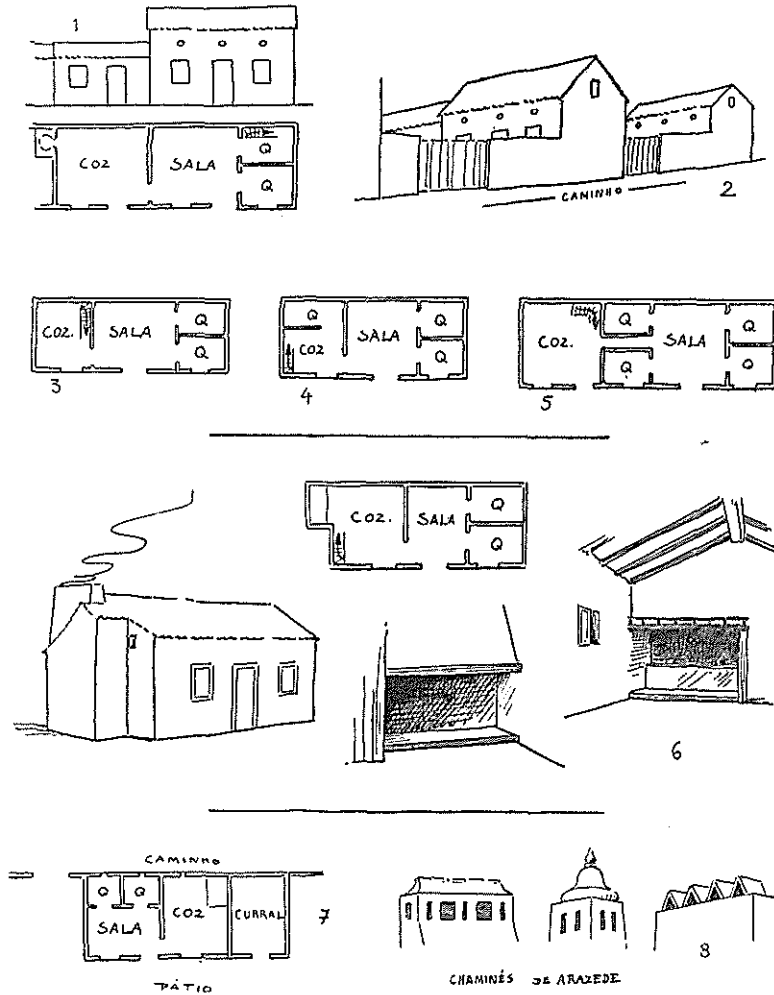
e principalmente em determinados elementos típicos que aparecem agrupados de modo diverso conforme as várias zonas, dentro do conjunto



Desenho 3 — Casas de tipo de Mira.

gandarês. E assim definida, esta casa não é exclusiva da região gandraesa: tais elementos, com efeito, aparecem igualmente nas casas das áreas limítrofes, de Cantanhede, de Vagos até Aveiro e ao Vouga, e

mesmo, muito esporádica e diluidamente, ao norte desse rio, e ainda ao sul do Mondego, etc., por vezes mesmo em combinações semelhantes a algumas que se vêem na Gândara (³). E assim, dada a data provavelmente mais recente do povoamento desta, e por outro lado o ajusta-



Desenho 4 — Casas do tipo da Tocha.

mento deste tipo de casa às condições economico-naturais dessas regiões limítrofes, pode-se supor que elas são aí mais antigas, tendo-se difundido daí para a Gândara, onde conheceram em seguida a maior voga, por aí responderem do mesmo modo perfeito às suas condições naturais, económicas, culturais, e de povoamento.

Os elementos fundamentais da casa gandaresa em geral, a que atrás aludimos, que se acrescentam aos caracteres comuns das casas-pátio, parecem ser nomeadamente uma fachada frontal composta de um motivo típico de janela-porta-janela, e um celeiro com postigos, que ora se situam a seguir àquele conjunto, ora sobre ele; um telhado de duas águas — e outros elementos ainda que aparecem com toda a regularidade mas em combinações especiais, que marcam particularismos locais diferenciados. É precisamente com base nestes últimos, e também na disposição especial dos elementos comuns, que estabelecemos, dentro da categoria geral da casa gandaresa, dois tipos locais, que passamos a descrever, e que designaremos respectivamente por Casas de Mira e Casas da Tocha, segundo as localidades de vulto em que elas ocorrem com maior frequência — que consideraremos seus centros culturais, se não de difusão —, e que, dentro de cada um, mostram muitas variantes locais ou gerais, das quais indicaremos as mais notáveis ou significativas.

CASAS DE MIRA

A casa de Mira mostra para a estrada uma fachada térrea e comprida, na qual as aberturas se dispõem numa ordem certa — janela, porta, janela —, formando um conjunto que constitui um elemento característico, e por fim um lança de parede apenas com dois óculos ao alto, um pouco abaixo do beiral. Esta fachada corresponde a um corpo rectangular, que abriga de um lado, a parte de habitação, com as janelas e a porta, e do outro o celeiro, com os postigos; entre as duas, rasga-se o *portão*, numa passagem coberta — o *telheiro* — para o *pátio*, que fica nas traseiras. A parte de habitação, de alto pé-direito, prolonga-se para a retaguarda por um corpo perpendicular de telhado mais baixo, onde se localiza uma ou mais vulgarmente duas cozinhas, e muitas vezes, entre estas e o corpo frontal, um quarto; e a ele seguem-se não raro outras dependências, em sucessivos edificios pequenos e cada vez mais baixos. O corpo da rectaguarda forma um dos lados do pátio, e vira para ele um *alpendre* estreito, para o qual abre a porta da cozinha. Os outros dois lados são fechados pelos currais, pocilga, galinheiro, cobertos, e outras dependências menores, e por muros. É vulgar a existência de uma horta ou campo a seguir ao pátio. Os telhados, do corpo frontal e da ala da rectaguarda — mesmo o dos vários pequenos edificios que se lhe seguem — são sempre de duas águas, e, sobretudo nas casas mais antigas, não muito inclinadas; toda a construção é

de adobe, e no exterior apenas a fachada frontal é rebocada; mas esta oferece geralmente um bom acabamento, com as molduras de janelas e porta, frisos de beirais e pilastras muitas vezes ornamentadas, e em cantaria lavrada.

A casa é pois uma construção em L, com pátio fechado á recta-guarda, que não se nota da rua. A parte de habitação é formada por dois compartimentos no corpo da frente — a *sala*, com janela e porta para a rua, e a *meia-sala*, com a outra janela — ; e pela cozinha ou cozinhas no corpo da recta-guarda, e um ou mais quartos entre estas e a sala, na qual se abre a porta interior de passagem. O telheiro, além de passagem coberta para o pátio, serve também de abrigo e arrumação. A seguir ficam os dois celeiros, o de baixo com porta para o pátio, e o de cima, iluminado pelos dois óculos, com acesso por uma escada que parte geralmente do telheiro.

Notamos assim nesta casa os seguintes elementos: o motivo exterior característico de janela-porta-janela, numa fachada cuidada, a que corresponde interiormente uma planta compreendendo a sala e a meia-sala; na mesma fachada, o portão, a meio, dando para o telheiro coberto e o pátio; os celeiros laterais, térreo e sobradado, este iluminado por pequenos óculos altos, que abrem para a rua, do outro lado do portão; e o corpo da recta-guarda, com as cozinhas e as demais dependências, abrindo para o pátio, e mostrando para fora paredes cegas, de adobe sem reboco.

Sala — De acordo com a regra geral na casa rural portuguesa, a sala tem aqui funções essencialmente cerimoniais, relacionadas em especial com certas solenidades, festas familiares, casamentos, etc., e sobretudo a velada fúnebre.

Meia-sala — A meia-sala faz sobretudo de quarto de dormir e arrecadação de géneros, sendo frequente ela servir só para este fim. Em Lagoa, a meia-sala, que é de dimensões maiores do que as habituais, utiliza-se para aí se colocar o corpo do defunto durante a velada fúnebre, deixando-se assim livre a sala.

Quarto ou quartos de dormir — O quarto ou os quartos de dormir situam-se na ala da recta-guarda, entre a sala e a cozinha, abrindo para uma passagem com porta para a sala. As filhas da casa dormem sempre em quartos, para ficarem mais «resguardadas»; se não há aposentos que cheguem para todos, são de preferência os pais quem dorme em colchões ambulantes (Ermida).

Cozinhas — É muito frequente a existência de duas cozinhas, das quais uma faz as mais das vezes de sala onde se come. Na cozinha mais tosca, ou *cozinha do forno* (pois é nela que se encontra o forno, ou para ela que ele abre a boca, quando é construído no exterior, o que é corrente), é onde se cozinha para os animais, e também onde normalmente se preparam as refeições. Embora seja nela que estão geralmente as pessoas da casa, quando vem gente de fora passa-se sempre para a cozinha melhor. Por isso nos disseram que esta está sempre «mais esmeradinha».

Ambas as cozinhas são de telha vã, mesmo na generalidade das casas boas. A luz entra por um pequeno postigo para as traseiras, muitas vezes sem qualquer vidraça. A lareira, ou *borralho*, fica sempre a um canto do compartimento; é de ladrilho ou tijolo, e eleva-se em geral uns 12 a 20 cm acima do pavimento, com uma guia de madeira. A boca do forno do pão abre para este borralho. A saia da chaminé que cobre esta lareira apoia-se no *pião* de madeira, que é uma coluna, por vezes torneada, e remata numa prateleira onde se dispõem pratos.

À volta da cozinha há *cantareiras* de madeira, pregadas em *chaços* metidos no meio dos adobes, onde se guarda a louça. Assentes na grelha, ou *trempe*, vêem-se os tachos e painéis; mas as velhas panelas de três pernas, que se colocavam directamente sobre o lume, já raramente se encontram.

As chaminés saem fora e acima do telhado, e são grandes e de forma alongada, quase sempre perpendiculares ao cume do telhado; à cozinha do forno falta com frequência a chaminé, escapando o fumo por uma simples abertura obtida com telhas que se levantaram.

Celeiros — Os celeiros, além da sua função específica, servem de sítio onde dormem os rapazes, quando não há quartos que cheguem para todos, o que é frequente. Mais para o interior, onde a cultura da vinha tem progressiva importância, o celeiro térreo desempenha as funções de adega, e toma esse nome.

Pátio — O pátio é o local central, para onde se vira toda a vida da casa. Sem qualquer pavimentação, o seu chão é de terra, as mais das vezes arenosa. Para ele abrem todas as dependências menores a que aludimos — currais, pocilga, galinheiro, alpendres, telheiros, cobertos, lojas, etc. — além das cozinhas e partes de habitação; para o exterior, pelo contrário, o pátio tem apenas o portão, rasgado ao fundo do telheiro coberto de entrada. Não raro, à sua volta ou em qualquer lado, vê-se uma parreira, montada em grossas colunas de adóbe. Por todo ele, madeiras, lenhas, e principalmente pilhas de junco, mato ou fagulha

de pinheiro — por vezes parte desta espalhada no chão como um fofa tapete — aguardam a altura de serem levadas para as cortes ou para os campos.

Telheiro — Como dissemos, o telheiro, além de passagem coberta do exterior para o pátio, serve também de abrigo, para o carro ou a gente que entra, e ainda de arrumação, quando é largo. O carro, muitas vezes, arruma-se num segundo telheiro, que borda o pátio, a seguir aos currais.

Alpendre — O alpendre fica no pátio, a par do corpo da retaguarda, no vértice formado por este e pelo corpo frontal; e vai até à altura da porta da cozinha ou das duas cozinhas. É um simples prolongamento da água do telhado, apoiado em colunas de adóbe, ou mesmo apenas em toscos prumos de madeira.

Em conclusão, pode dizer-se que, a despeito do esmero da frontaria, que faz crer num certo conforto interior, estas casas são de um modo geral pobres, e a vida dos seus moradores é rude e sóbria; e isto torna-se mais evidente ainda nas casas que parecem ser mais antigas, muito baixas, pequenas e toscas.

Este tipo de casa, que atrás definimos, aparece bem caracterizado em toda a zona de Mira, na própria vila — onde, porém, naturalmente, a maioria das casas têm uma feição puramente urbana e por isso diferente —, e sobretudo nos seus arredores, podendo considerar-se aí o seu centro cultural; ele alastra daí para o norte até aos limites da região gandaresa, e deles para cima até ao Vouga, transpondo mesmo, em casos raros, isolados, e menos típicos, esse rio; para o sul, ele estende-se até alturas da Caniceira, onde parece começar a área da casa da Tocha; para leste, ele atinge na Camarneira os limites da região gandaresa por esse lado, mostrando aí influências da casa bairradina de Cantanhede (⁴). Mas aparecem também muitas casas deste tipo fora da sua área, na região gandaresa do sul e de leste, onde domina o tipo de Tocha, espalhadas por toda a parte, embora, aí, elas constituam sempre as construções mais recentes (⁵); nesses casos, geralmente, alguns dos elementos característicos do tipo de Mira aparecem mais ou menos dominados pelas formas locais. Por outro lado, mesmo na sua área própria, o tipo de Mira apresenta muitas vezes variantes consideráveis, quer no que respeita à forma daqueles elementos ou à ordem segundo a qual eles se dispõem, quer na inclusão de elementos estranhos, que

em certos casos constituem a adaptação de elementos típicos de outras áreas gandraesas — e que, num caso como no outro, se podem considerar formas características locais; são algumas dessas formas, que nos parecem mais definidas e significativas, que passamos a indicar.

Variantes gerais e locais:

Celeiros: a) *Celeiros sem óculos, ou apenas com um* — Por toda a parte, vêem-se casas cujo celeiro sobradado tem apenas um postigo, ou até nenhum. A norte de Calvão e pela zona de Sanchequias, Rines, Vila Mar, e também Sosa, os celeiros com dois óculos são mesmo raros; em várias casas, os rasgos de iluminação são apenas meio adobe tirado; contudo, mesmo aí, as casas melhores mostram geralmente os dois ou pelo menos um dos postigos.

b) *Celeiros com janela para a frente* — Por vezes, iluminando o celeiro térreo, aparece uma janela igual às outras a seguir ao portão, sem que isso porém implique qualquer diferença de estrutura (Desenho 3, n.º 3); e se em certos casos essa dependência é utilizada como quarto de dormir, o certo é que a sua função essencial continua a ser a de celeiro, explicando-se a janela talvez apenas pelo desejo de enriquecer a frontaria da casa. Estas casas com celeiro térreo de janela para a frente são sobretudo frequentes na zona de Ouca, Bustos, Covão do Lobo, Sanheira, etc.; em Bustos, a entrada dessa divisão faz-se sempre pelo telheiro.

c) *Celeiro sobradado sobre a parte de habitação, ou mesmo a todo o comprimento da casa* — Em muitas casas, aproveita-se não apenas, nos termos que indicamos como regra mais geral, o vão do telhado que corresponde ao celeiro térreo, mas também aquele que corresponde à parte da habitação; e, mais raramente, esse aproveitamento abrange até o espaço correspondente ao telheiro, apresentando-se como sótãos sobradados para arrecadação a todo o comprimento do prédio. Esta variante encontra-se em casas dispersas mais ou menos por toda a área da casa de Mira, especialmente naquelas cujo telhado tem grande inclinação, e que são, de um modo geral, mais recentes, mostrando aí, como processo normal de iluminação, um janelo rasgado na empena (Desenho 3, n.º 4).

Este celeiro sobradado sobre a habitação constitui, como veremos a seguir, um elemento típico da casa da Tocha, a qual por seu turno, parece filiar-se na casa bairradina de Cantanhede. E de facto, a atestar

essas influências, na zona da Camarneira, na faixa leste da área da casa de Mira que confina com a região de Cantanhede, esta variante aparece não só com uma densidade que nos leva a definir, em função dela, um tipo local, mas sobretudo nas casas mais antigas ⁽⁶⁾; e mostra mesmo, em vez de janela na empena, postigos rasgados sobre a porta e janelas da frontaria, que são a solução específica de iluminação do sótão nas casas da Tocha e de Cantanhede.

d) Ausência de celeiro lateral — De Soza a Bustos são frequentes casas sem celeiro, podendo, em alguns casos, o facto explicar-se pela pequenês da unidade rural, que o dispensa, ou do prédio, que o não consente. Outras vezes, nomeadamente em Bustos, numa solução que de certo modo se aproxima da que é peculiar à casa da Tocha, aproveita-se para celeiro o sobrado sobre a habitação, sem porém que isso tenha o menor reflexo sobre a altura da fachada.

Localização do portão — Em certos lugares, como Lagoa, por exemplo, nas imediações de Mira, é frequente o portão situar-se fora do corpo da casa, a seguir a ela, ficando assim o celeiro lateral contíguo à parte da habitação (Desenho 3, n.º 1).

Por outro lado, em Febres, o celeiro muitas vezes não existe como tal, sendo substituído por um quarto amplo, de dimensões iguais às da sala; e o portão situa-se então em perfeita simetria a meio da fachada (Desenho 3, n.º 7).

Variantes na divisão interior que se reflectem na frontaria — Certas casas, cuja meia-sala é de dimensões consideravelmente maiores que o habitual, mostram mais uma porta na fachada frontal, que faz a saída directa desse compartimento para a rua (Desenho 3, n.º 2).

Outras vezes, como por exemplo em Febres, onde isso é muito frequente, existe um quarto contíguo à meia-sala, que provoca o aparecimento de mais uma janela na fachada, a seguir ao motivo habitual do conjunto janela-porta-janela (Desenho 3, n.º 6).

Outras vezes ainda, como sucede em Covões, onde a divisão interior das casas não obedece a um plano regular, as fachadas, correspondentemente, mostram com frequência mais uma janela de cada lado daquele motivo (Desenho 3, n.º 8); por vezes mesmo, tal como atrás dissemos, existe também um compartimento com porta directamente para a rua, além da sala.

Variantes na divisão interna, que não se reflectem na fachada — Na zona de Boco, Bustos, Mamarosa, Sobreiro, etc., há muitas casas que em vez da meia-sala apresentam duas alcovas a abrir para a sala, numa solução que encontramos também como um elemento típico da casa da Tocha (Desenho 3, n.º 5).

Cozinhas — Dissemos que por toda esta área é muito frequente a existência de casas com duas cozinhas, que se situam no corpo da retaguarda; contudo, na zona noroeste, a segunda cozinha é rara. Deve-se em todo o caso notar que o facto de se ver uma só chaminé não indica necessariamente a cozinha única, pois, como vimos, muitas vezes, a *cozinha do forno* mostra apenas, para a saída do fumo, umas telhas levantadas.

Finalmente, fazendo excepção à regra que mencionamos, em Sanchequias, povoação de aspecto pobre, abundam casas cujas frontarias são de um acabamento muito tosco e descuidado, embora mostrem igualmente o típico motivo *gandarês* da janela-porta-janela, que é em si mesmo um elemento essencialmente de aparato. Pelo contrário, na zona de Febres, onde as casas deste tipo parecem ser mais antigas, encontram-se exemplares com *padieiras*, *frisos de beirais*, *postigos*, etc., em estuques ou calcáreo profusamente ornamentados (Desenho 3, n.º 9; os *postigos* aqui são de iluminação da sala).

CASAS DA TOCHA

Ao sul do extenso pinhal que separa Mira da Tocha, o tipo de casa que descrevemos perde o carácter de padrão local que tinha no norte, embora subsista em numerosos casos isolados, nomeadamente nas construções mais recentes; e, a partir da Caniceira, surge um novo tipo de casa — a casa da Tocha —, também de pátio fechado e que sem dúvida mantém com a de Mira certas afinidades que lhe advêm de um estilo comum a ambas, mas sensivelmente diferente dela em muitos dos seus elementos e sobretudo no modo como tais elementos se dispõem.

Na Caniceira, a casa que nos dizem corresponder ao modelo local tradicional e mais antigo, consta de um corpo principal que mostra o motivo geral *gandarês* da janela-porta-janela, traduzindo-se interiormente numa planta que compreende a sala e dois quartos pequenos que abrem para ela, tendo em cima o sobrado, que serve de celeiro e em muitos casos toma o aspecto de um andar, iluminado por óculos, pos-

tigos ou janelos abertos para a rua sobre aquele motivo (?), e outras vezes na empena, e com a escada de acesso a partir de um dos quartos; e ao lado deste corpo principal, um bloco anexo, mais baixo e pequeno, onde fica a cozinha, a que por vezes se seguem mais dependências menores. Nestas casas, os dois quartos situam-se a um lado da sala, oposto àquele em que se rasga a porta interior que comunica para a cozinha; e exteriormente, a primeira janela do corpo principal corresponde a um deles, e a porta e janela a seguir, à sala; a cozinha, no bloco anexo, tem uma porta e janela próprias (Desenho 4, n.º 1).

Em casas mais modernas, a cozinha fica incorporada no bloco principal, ao qual portanto se reduz toda a casa propriamente dita; e então, a escada de acesso ao sobrado parte dela para cima. Interiormente, a planta é semelhante à das velhas casas que têm a cozinha no anexo lateral; e, correspondentemente, a primeira janela é de um dos quartos, a porta a seguir é da sala, e a outra janela é da cozinha, que comunica com a sala por uma porta interior. Nesta mesma categoria, aparecem também casas, geralmente mais recentes e avultadas, em que a planta interior comporta maior número de divisões, a que corresponde consequentemente um maior número de rasgos exteriores (Desenho 4, n.ºs 4 e 5).

Tanto nas casas mais antigas como nas outras, o pátio de acesso ao pátio abre-se num muro, ao lado da casa, mas não na fachada; e os fornos são quase sempre exteriores, com a sua boca dando para o borralho; este, como nas casas de Mira, fica sempre a um canto da cozinha.

Em confronto com a de Mira, a casa da Tocha mostra portanto as seguintes diferenças fundamentais: a) desaparecimento do celeiro lateral, e localização desta divisão por cima da habitação, pelo aproveitamento do sótão sobradado; e, correspondendo a esta nova planta, casa com frontarias mais altas, por vezes constituindo ou tendo o aspecto de um verdadeiro andar, quase sempre com óculos ou janelos sobre o motivo típico janela-porta-janela, que persiste, e também, muitas vezes, janelo na empena; b) desaparecimento do corpo da retaguarda, onde, na casa de Mira, se situa a cozinha; aqui, nas casas mais antigas, sua substituição por um bloco anexo e independente, contíguo ao principal e mais baixo, no prolongamento da fachada frontal; nas mais recentes, a cozinha fica inclusa no corpo da casa, que se reduz apenas a essa parte; c) deslocação do portal para fora da fachada da casa: não existindo os celeiros laterais, o portal abre-se, aqui, ao lado a seguir à casa ou a meio de um muro do pátio, conforme a localização do prédio

em relação ao caminho público; *d*) interiormente, desaparecimento da *meia-sala*, e generalização duma planta em que aparece um conjunto regular, formado pela sala com dois pequenos quartos cu alcovas que abrem para ela (semelhante à que encontramos acidentalmente nas casas do tipo de Mira, nomeadamente na região de Bustos).

A casa assim descrita na sua estrutura geral, encontra-se, com pequenas variações, da Caniceira para o sul até à Tocha — embora, a partir da primeira destas povoações, se note a tendência para baixarem de altura —, e por toda a faixa compreendida entre a Tocha e Arazede, no limite oriental da região gandaresa, atingindo a zona de Cantanhede, segundo uma área que coincide aproximadamente com a própria delimitação administrativa do concelho de Cantanhede (8).

Na Caniceira, vêem-se muitas casas deste tipo com a empena voltada para o caminho e à face deste, mostrando então quase sempre um janelo alto; e, a seguir, o muro do pátio com o portal de entrada. A frontaria da casa fica assim virada para o interior do pátio, que se situa entre ela e as traseiras da casa vizinha (porque isto acontece geralmente em várias casas seguidas, dando mesmo um aspecto peculiar a certos arruamentos da aldeia). Trata-se de um exemplo em que na realidade prevalece o pátio, embora a fachada seja sugerida pela empena que dá para o caminho (Desenho 4, n.º 2).

Entre a Tocha e Arazede, esta variante não se acusa; mas vêem-se muitas vezes, longe dos caminhos, velhas casas em que prevalece nitidamente o pátio, desenhado na unidade fechada do quadriado dos edifícios e muros em que a fachada desaparece ou perde a sua importância, embora também, em alguns casos, a parte de habitação mostre o motivo da janela-porta-janela virado para o exterior, e seja até geralmente rebocada.

Nesta zona, predominam francamente as casas com a cozinha incorporada no bloco principal, parecendo mesmo serem raras as que têm o anexo lateral; e, dentro da primeira forma, aparece, pelos arredores da Tocha, uma variante notável, que merece ser posta em destaque: na fachada lateral que corresponde à cozinha, ocupando quase a sua metade, a chaminé faz, desde baixo, um recanto saliente, que sobe acima do telhado. Interiormente, situa-se nesse recanto o borrarho, deixando-se à cozinha o espaço rectangular amplo e livre; a saia da chaminé apoia-se num barroto — em tempos mais recentes uma viga de cimento —, lançado entre os dois lados do recanto, e em alguns casos ela é escondida por uma parede vertical que disfarça o recanto, com uma finalidade

apenas estética. Deve-se porém dizer que actualmente já quase ninguém constrói casas com este tipo de chaminé (Desenho 4, n.º 6).

Na zona interior da região gandaresa, em Arazede, Vila Franca, Cadima, etc., a construção é de pedra, mal talhada e ligada com barro; o adobe usa-se geralmente apenas em muros, currais, pocilgas, e outras dependências menores; apesar disso, porém, os caracteres e elementos fundamentais da casa da Tocha do tipo da Caniceira mantêm-se. Em Arazede, contudo, as casas têm uma feição urbana mais acentuada, contíguas umas às outras à face das ruas, entremeadas com casas de natureza diferente, mal se adivinhando o pátio, situado nas traseiras; os celeiros altos constituem um verdadeiro andar, em que predominam os janelos, embora se vejam ainda com relativa frequência óculos pequenos, redondos ou quadrangulares, ao contrário do que sucede em Vila Franca e Cadima, onde se vêem apenas janelas nos sobrados altos.

De Arazede para o sul, até Carapetos, aparecem ainda com maior ou menor densidade certos elementos da casa da Tocha, mas não existe um tipo homogêneo e uniforme; óculos, celeiros, conjunto janela-porta-janela, etc., jogam de maneira indiferente e confusa; pode-se apenas dizer que a cozinha fica sempre no bloco principal. E, por alturas de Carapetos, ao mesmo tempo que vamos penetrando progressivamente na paisagem do «Campo» — os Campos do Mondego —, a casa local acaba por perder qualquer parentesco sensível com as que encontramos na Gândara, embora perdurem alguns desses elementos, que se vêem mesmo ao sul daquele rio (º).

Da Tocha para o sul, até ao limite da região gandaresa, na Cova de Serpe, as casas apresentam ainda os elementos fundamentais do tipo da Tocha, mas notam-se, em relação a ele, certas peculiaridades. Assim, a sua altura diminui consideravelmente, os óculos altos desaparecem completamente, e rareiam os sobrados; quando estes existem, a sua iluminação faz-se sempre por um janelo na empena. Além disso, em certos lugares, as fachadas mostram com grande regularidade uma variante do motivo gandarês da frontaria, que consta de janela-porta-janela-porta.

Com muita insistência, nota-se a inclusão da cozinha no bloco principal, com a chaminé no topo correspondente do edifício, embora sem nunca fazer o recanto característico dos arredores da Tocha. E do mesmo modo, quase sempre a fachada se prolonga por um anexo menor, geralmente o curral.

Interiormente, em relação a esta casa em geral, a planta assemelha-se à das casas da Tocha, com os dois quartos ao fundo da sala

(Desenho 4, n.º 7); e isto vê-se já em casas que parecem ser as mais antigas.

Tornam-se bastante frequentes, principalmente por Bom Sucesso e Casal Novo, esse género de casas em que prevalece o pátio sobre a fachada, com a frontaria virada para o pátio e mostrando para o caminho apenas paredes cegas ou com raros rasgos muito exíguos em qualquer altura; esta feição vê-se de um modo geral por toda a Gândara, e notamos mesmo na Caniceira um tipo especial, em grande número, que voltava para o caminho a empena da casa, com o janelo do celeiro alto, ao lado do muro onde se abria o portal do pátio; mas nesta zona, estes pátios não são tão fechados como mais ao norte, os edifícios são mais baixos, e o conjunto tem um aspecto mais antigo e rústico.

NOTAS

(¹) Utilizamos aqui a classificação do geógrafo francês ALBERT DEMANGEON, que consta do seu livro intitulado: «Problèmes de Géographie Humaine» (2.ª edição), Paris, 1943, págs. 230-232. Este trabalho apareceu pela primeira vez em 1937, sob a forma de comunicação ao Primeiro Congresso de Etnologia Regional de Paris, tendo sido publicado nas «Publications du Département et du Musée des Arts et Traditions Populaires».

(²) Cfr. ALBERT DEMANGEON, *op. e loc. cit.*, pág. 281.

(³) É fora de dúvida que muito mais ao norte da região gandraesa própria dita se encontram com efeito casas com as frontarias semelhantes às de Mira, que acusam um parentesco evidente com as gandraesas. Relativamente pouco numerosas por Vagos, Aveiro, e até Cacia, elas formam porém a quase totalidade das habitações da área compreendida entre a Palhaça e Fermentelos. Do mesmo modo, a casa da zona interior gandraesa não pode deixar, como veremos, de se considerar estreitamente relacionada com a casa de Cantanhede, notando-se a influência deste tipo mesmo até à Tocha. A este respeito, veja-se a nota.

(⁴) No livro de RAQUEL SOEIRO DE BRITO, intitulado: «A Ilha de São Miguel» (Estudo Geográfico), I. A. C., Lisboa, 1955, pág. 182 (e Estampa xxix), a A. descreve e mostra uma casa das «Lombas» de Povoação, naquela Ilha, cuja fachada se aparenta muito com a casa gandraesa do tipo de Mira, com o janelo por cima do portal do pátio.

(⁵) Este facto parece indicar um alargamento progressivo da área de difusão da casa do tipo de Mira na região gandraesa, e talvez o seu predomínio sobre os demais

(⁶) Na Quinta da Camarneira notámos uma casa desse género, com janela na empena, datada de 1893. Mas, de um modo geral, pode dizer-se que nestas áreas do adobe, é difícil determinar a idade das construções. Em todo o caso, é fora de dúvida que, pelo menos na maioria dos casos, as casas do tipo de Mira que descrevemos, nunca devem ser anteriores ao último quartel do século XIX. Casas mais velhas, que surgem aqui e além, mostram-se muito diferentes, baixas e pobres,

muitas vezes sem qualquer rebôco na fachada, e com os compartimentos reduzidos à cozinha e sala geralmente isoladas no meio das terras de cultura, ou à face de caminhos secundários. E cabe perguntar se este tipo elementar de casa teria sido o das raras e dispersas habitações existentes até àquela data, antes do povoamento intenso que teve lugar depois dessa época. De resto, nas regiões limítrofes da Quinta da Camarneira, Covões, etc., vêem-se muitas casas datadas, do tipo da casa de Mira, e sempre da época que indicamos conjecturalmente.

(⁷) Casas terreas com postigos ou janelas sob o beiral, para iluminação de sótãos, nos termos indicados, são raras entre nós. Ao norte da Póvoa de Varzim, encontra-se um tipo de casa nessas condições térrea, com pequenos postigos abaixo do beiral, iluminando um sótão de arrumações, que faz pensar nos postigos ou janelas dos celeiros gandareses. Mas aqui, tal elemento parece-nos derivar e relacionar-se com os «falsos» das casas poveiras (Cfr. ERNESTO DE OLIVEIRA e FERNANDO GALHANO, Casas de Pescadores da Póvoa de Varzim, in: Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. xv, Fascs. 3-4, Porto, 1955-57, págs. 219-264, e Fig. 7).

(⁸) Vimos atrás que, justamente por causa deste parentesco, que neste caso se precisa notavelmente, é de admitir a filiação da casa gandaresa deste sector na casa da região limítrofe, nomeadamente de Cantanhede, de povoamento mais antigo.

(⁹) Com efeito, ao sul do Mondego, a casa situa-se do mesmo modo à face do caminho, com uma fachada térrea onde se vê um motivo de janela-porta-janela parecido com o de Gândara, seguida de um portão largo que dá entrada para o telheiro — a que chamam *zambório* — e pátio; mas só com o estudo aprofundado do seu interior se poderá chegar a qualquer conclusão acerca da natureza exacta das relações que ela tem com a casa gandaresa. De facto, o motivo em questão apresenta-se com uma estrutura diferente: a porta não fica a igual distância das duas janelas, porque muitas vezes o borrhão da cozinha está entre ela e a janela, alargando o espaço entre ambas. Também o portão embora no prolongamento da fachada (como sucede na casa gandaresa da Tocha), é geralmente independente desta, com um telhado diferente, acusando mesmo, frequentemente, um ligeiro recuo. Contudo, parece inegável a existência de um certo parentesco, se não de origem, pelo menos derivado de influências ou de sugestões, difíceis de precisar.